Mídia NINJA: o gatewatching como renovação do jornalismo alternativo.[1]

Carolline de Souza Ferreira LEITE[2]
Suzy dos SANTOS[3]
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Em tempos de inovações tecnológicas, o jornalismo alternativo, que tem por pressuposto critérios diferenciados de noticiabilidade em referência ao jornalismo comercial, também se renova. O posicionamento ideológico desses meios, historicamente ligados às causas sociais, permanece. A mudança se dá nas novas possibilidades de narração e interação com o espectador obtidas através da internet. Este artigo tem por objetivo analisar o papel da Mídia NINJA, coletivo que vem se destacando por usar métodos colaborativos e uso de tecnologia através da Pós TV, seu braço audiovisual, na busca por uma renovação do jornalismo como um todo. Através do *streaming*, mecanismo de transmissão direta via web, se apropriam do conceito de *gatewatching*, onde a informação não passa por edições ou cortes antes de chegar ao espectador.

Palavras-chave

NINJA; Pós TV; jornalismo alternativo; cobertura colaborativa; gatewatching.

Introdução

O jornalismo alternativo, muito presente da década de 1960 à década de 1980 devido primeiramente ao período ditatorial vivido no Brasil de 1964 a 1985 e, posteriormente, à instabilidade dos governos que se sucederam à redemocratização, retomou sua força e visibilidade nos últimos anos. A chamada imprensa alternativa tomou forma para contrapor-se aos veículos existentes a essa época, que partilhavam da visão oficial do governo, seja por questões ideológicas, seja por coersão ou por imposição da censura. Não se diferenciando muito dos pressupostos ideológicos das mídias alternativas altualmente.

---

[1] Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – IX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

[2] Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da ECO-URFJ, bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/Cnpq) e integrante do grupo PEIC – Política e Economia da Informação e da Comunicação, email: carollinesfleite@gmail.com

[3] Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da ECO-UFRJ, doutora em Comunicação e Cultura Contemporânea pela UFBA e líder do grupo PEIC – Política e Economia da Informação e da Comunicação, email: suzysantos@gmail.com

Os jornais alternativos da época, geralmente com pequenos núcleos e em formato tablóide, eram comandados, na maioria dos casos, por jornalistas de esquerda que se cansavam da rotina nas grandes redações, onde eram obrigados a se submeter a uma visão editorial ligada a um regime com o qual não concordavam. Esses profissionais, muitas vezes, não deixavam as redações por questões financeiras e acabavam por dedicar todo seu tempo livre e grande parte de seus salários a seus projetos alternativos, onde se permitiam analisar criticamente a realidade. Os maiores expoentes dessa época foram "O Pasquim" (1969) e o "Coojornal" (1975), entre mais de 30 outras publicações.

> A imprensa alternativa surgiu da articulação de duas forças igualmente compulsivas: o desejo das esquerdas de protagonizar as transformações institucionais que propunham e a busca, por jornalistas e intelectuais, de espaços alternativos à grande imprensa e à universidade. É na dupla oposição ao sistema representado pelo regime militar e às limitações à produção intelectual-jornalística sob o autoritarismo, que se encontra o nexo dessa articulação entre jornalistas, intelectuais e ativistas políticos. (KUCINSKI, 2001, p.16)

O jornalismo alternativo, que ficou um pouco esquecido na última década do século XX, retomou sua força no século XXI, em grande parte pelo surgimento e crescimento da Internet, que possibilitou novos meios, mais baratos, diretos e eficazes de se fazer esse tipo de comunicação. Esses novos meios e novas narrativas, hoje em dia, estão muito atrelados às causas sociais em geral, à defesa dos interesses das minorias e à cobertura e abordagem de temas que a imprensa hegemônica ignora. A comunicação alternativa ganha forma e força a partir dos mais variados movimentos e, também, de iniciativas individuais. Não mais se caracteriza apenas como jornalismo alternativo, mas como esforços de comunicação alternativa, que podem se expressar das mais variadas formas.

Para Peruzzo (2009), se nos primeiros anos a contra-comunicação aparecia preponderantemente no âmbito dos movimentos populares, das organizações de base, da imprensa alternativa, da oposição sindical metalúrgica, de ONGs, de setores progressistas da igreja católica ou realizada por militantes articulados em núcleos de produção audiovisual; hoje ela "pipoca" em experiências comunicacionais das mais variadas formas.

O que esses formatos tem em comum é o desejo por mostrar e analisar a realidade a partir de variados olhares, em contraponto com as redes comunicacionais hegemônicas, que abrem mão do olhar crítico e assumem uma postura de afirmação do *status quo*.

> As motivações para tanto possivelmente vêm do interesse social presente nos cidadãos e nas organizações civis em interferir nos sistemas geradores e

> mantenedores da desigualdade, além das possibilidades inovadoras, como a efetiva interatividade, que as novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC) oferecem. (PERUZZO, 2009, P.58)

Segundo Castells (2001), a mídia tradicional tem interesse de manter uma realidade que lhe beneficia e lhe é lucrativa. Já os movimentos sociais são ações coletivas deliberadas que visam transformações de valores e instituições da sociedade. Portanto, a relação entre a mídia alternativa e os movimentos sociais pressupõe um processo de comunicação alternativa. Sendo caracterizada por um olhar diferenciado quanto a seleção dos fatos a serem noticiados e do enquandramento com que são analisados. Geralmente esses meios abordam a história pelo lado das classes trabalhadoras, das minorias, dos oprimidos em geral.

Dentre as defininições dos editores de *Alternatives in Print*, diretório online de periódicos alternativos e editoras de livros alternativos, que estão fora do *mainstream*, e da *Royal Commission on the Press*, realizada no Reuno Unido no século XX, para o termo mídia alternativa se sobressaem os seguintes conceitos (que não necessariamente exluem uns aos outros): motivação não-comercial, demonstrando um interesse básico por ideias, não por lucro; o tema principal das publicações seria a responsabilidade social e a expressão criativa; é bastante os publicadores se declararem alternativos; aquela que compartilha as opniões de pequenas minorias; aquela que expressa atitudes hostis a crenças amplamente estabelecidas; e aquela que adota visões ou orientações com temas não cobertos regularmente por outras publicações.

Destacam-se a pauta, a seleção do que deve ser noticiado, e o enquadramento, os pressupostos ideológicos imbutidos no discurso, como principais diferenciais da mídia alternativa. Tanto na mídia alternativa quanto na grande mídia tradicionais, o papel de fazer essas escolhas se restringia a jornalistas e editores, reforçando seu papel de *gatekeeper*, de selecionador da notícia. Nos últimos tempos, esse papel tem sido deixado de lado na busca por novos canais de conexão com o espectador, com aquele que recebe a notícia. Com as novas tecnologias, o espectador pode também ser ator da notícia, como veremos no conceito de *gatewatching.* Em geral, essas novas possibilidades trazidas pela era digital têm sido muito melhor aproveitadas pelas mídias alternativas.

Conceitos de gatekeeping e gatewatching aplicados ao jornalismo alternativo

Já nos anos 1980 e 1990 houveram esforços para uma maior interação com o público, para trazer o espectador para o mundo do jornalismo, foi nessa época que começou a se expandir o número de enquetes feitas em programas ao vivo, para dar a sensação de participação. Esse foi o primeiro passo para um jornalismo mais participativo, e se deu na grande mídia. Porém, para Bruns, ele só reforça o papel do jornalista ou editor como "selecionador" de conteúdo:

> [...] isso não altera de maneira significativa as relações de poder entre os jornalistas, na sua capacidade de produtores das notícias, e as audiências na sua capacidade de consumidores das notícias (ou de fato, um simples "mercado"): notadamente, as escolhas de gatekeeping continuam sendo "o nosso trabalho" e "as nossas decisões", mesmo nesta descrição, e as audiências recebem apenas uma olhada um pouco mais detalhada sobre a maneira em que estes processos ocorrem. (BRUNS, 2011, p. 4)

As práticas de *gatekeeping* nasceram na pouca variedade de canais e meios para que as notícias fossem veiculadas, bem como o espaço delimitado pelos jornais impressos. Nesse cenário, a figura do jornalista, alguém que estudou as práticas redacionais do lide e sublide, que estudou sobre os critérios de noticiabilidade, entre outros fatores, se fazia realmente necessário, seja na grande mídia, seja na mídia alternativa. Mesmo num jornal dito livre e independente, nos anos 1990, por exemplo, era preciso um árduo trabalho de seleção do que deveria ser noticiado e/ou analisado. O que conferia ao jornalista e, principalmente ao editor, o papel de "senhor da informação", aquele que decidia o que viria a público ou não.

Com o surgimento da World Wide Web no início dos anos 2000 e, consequentemente, com a multiplicação dos canais disponíveis para a publicação e divulgação de notícias e sua consolidação como uma mídia popular, esse papel não mais se justifica. O profissional da notícia, nesse cenário deixa de ser um "porteiro" para ser um "guia" da informação. Com o desenvolvimento dos modelos colaborativos para participação e criação de conteúdo, resumidos sob o rótulo de Web 2.0, qualquer pessoa que tenha acesso à tecnologia pode ser "jornalista por um dia" ou por um momento ou acontecimento. Não raros são os casos em que segundos após uma notícia ser mostrada sob um ângulo na cobertura da grande mídia, esse enquadramento é posto em cheque por coletivos que fazem coberturas alternativas ou mesmo pessoas idependentemente. Se tornou frequente o número de vezes em que cidadãos comuns postam vídeos ou fotos captadas pela câmera de seu

smartphone diretamente nas redes sociais, atingindo maior repercussão do que as notícias dos grandes meios de comunicação. Por vezes, esses grandes veículos de mídia se apropriam de imagens e informações dessas redes para complementar suas coberturas.

Um dos primeiros esforços no sentido da busca por uma transmissão mais "direta", se assim pode ser chamada, foi o website do "Independent Media Center" (Centro da Mídia Independente), mais conhecido como "Indymedia". A plataforma foi idealizada pelos organizadores dos protestos contra ações da Organização Mundial do Comércio em Seattle, EUA, 1999. Antecipando-se à cobertura da grande mídia, que provavelmente seria a habitual e com foco simplificado de sempre mediante a protestos e distúrbios políticos (representação constante dos manifestantes como vândalos ou, no termo muito utilizado no Brasil, "baderneiros"), resolveram fazer do site um meio mais plural, uma plataforma de cobertura não editada, alternativa e fornecida pelos próprios manifestantes, em primeira mão. Mostrando um processo totalmente ausente do *gatekeeping*, que aparece em praticamente todas as etapas do jornalismo tradicional. Nesse caso, qualquer usuário poderia contribuir com suas próprias matérias e também comentando as outras matérias, a fim de fomentar a interatividade e as discussões acerca da notícia.

Os jornalistas "tradicionais" tendem a ser extremamente críticos a esse modelo, o que defendem é que através dele podem haver distúrbios na informação e não pode ser atribuída total confiabilidade a ela, dado que qualquer pessoa pode ser o propagador da notícia. Muitos parecem querer reafirmar seu papel, já ultrapassado pelas novas tecnologias, como selecionador da notícia, como se só os jornalistas soubessem agir criteriosamente quanto a essa seleção. Já esse novo jornalismo, voltado para os veículos alternativos, propõem que a informação chegue ao espectador de forma livre e direta, sem cortes e sem edições, para que o receptor da mensagem atribua o valor que achar pertinente a ela. No *gatewatching*, o espectador é o selecionador. Mas os grandes meios, talvez por esse posicionamento não fortalecer seus interesses mercadológicos, se contrapõe a essa forma direta. Usam, por vezes, algumas fórmulas que lembram esse jornalismo, mas o *gatekeeper* está sempre presente em alguma das fases do processamento. Para Bruns (2011), essa resistência do jornalismo tradicional às inovações acabou causando um retrocesso em sua prática nos primeiros anos do século XXI.

> Por issos se pode argumentar na maioria dos casos que os anos de 2000 representam uma década perdida para a inovação jornalística: despreparada para aceitar a validade de algumas críticas feitas pelos seus novos desafiadores, com poucas

> excessões a indústria continuou firmemente num caminho dos negócios, como sempre, o que acabou se tornando mais e mais insustentável. (BRUNS, 2011, p. 11)

A transmissão em tempo real e as possibilidades de interação fornecidas pelas redes sociais alavancaram o abandono ao modelo de *gatekeeper* e o crescente direcionamento ao modelo de *gatewatching*, acelerando o ciclo das notícias para além das grandes coberturas dos canais de notícias 24 horas. Segundo Bruns (2011), essas grandes redes perdem potencialmente sua capacidade de cobertura em relação às novas redes colaborativas/alternativas, que têm por pressuposto o *gatewatching*, à medida em que têm que enviar correspondentes a todos os cenários noticiosos, enquanto "as redes quase globais das principais plataformas da mídia social significam que correspondentes (em potencial) já estão quase sempre no lugar". Esse é o principal diferencia do coletivo NINJA – Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação, objeto de análise desse artigo.

O exemplo do NINJA – Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação

O projeto NINJA – Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação, nasceu em junho de 2011, ancorado no "Circuito Fora do Eixo", rede de trabalhos concebida por produtores das regiões centro-oeste, norte e sul no final de 2005. A rede começou com uma parceria entre produtores das cidades de Cuiabá (MT), Rio Branco (AC), Uberlândia (MG) e Londrina (PR), todos fora do "eixo" dos grandes eventos culturais no Brasil, a fim de estimular a circulação de bandas, o intercâmbio de tecnologia de produção e o escoamento de produtos culturais dessas regiões.

Hoje, o centro do circuito, que tem representações em 25 das 27 unidades federativas do país, está em uma casa em São Paulo, a "Casa Fora do Eixo", que, como todo o circuito se mantém através de editais públicos de cultura e, além de seus moradores fixos, funciona como incubadora de projetos socio-culturais. De tempos em tempos, são abertos editais para que coletivos de todos os tipos possam fazer um exercício de imersão, passando um tempo na casa e aprimorando suas ideias e ações. Foi desse contexto que nasceu o NINJA, que tem como principal expoente seu braço audiovisual, a Pós TV.

O NINJA tem um núcleo fixo em São Paulo, mas conta com colaboradores em todas as partes do Brasil e até no exterior. É praticamente impossível dizer o número exato de colaboradores, pois apesar de estarem se constituindo e se organizando núcleos fixos também em outras cidades, é muito comum alguém se propor a ser um NINJA por um dia,

por algumas horas, ou durante algum evento noticioso específico. Toda e qualquer pessoa que queria colaborar é bem vinda, recentemente foi aberta uma chamada para novos colaboradores, bastava mandar um e-mail para midianinja@gmail.com dizendo de onde era e com o que poderia colaborar para se tornar um NINJA, não é necessário ser jornalista nem da área de comunicação.

Atualmente estão sendo feitos esforços no sentido de tornar o projeto sustentável, para que os colaboradores também possam ser beneficiados com seu trabalho nas transmissões, não permitindo que a rede enfraqueça. Bruno Torturra, líder natural do grupo, vem fazendo chamadas na página do grupo no Facebook para aqueles que desejam colaborar mais ativamente nas transmissões e na elaboração do site que será lançado brevemente e, também, na solução das questões financeiras. A principal forma de manutenção do "sistema" hoje é a boa vontade dos colaboradores, que dispõe de seu tempo e equipamentos na cobertura.

O coletivo ficou conhecido nos últimos meses pela cobertura dos crescentes protestos Brasil afora, por utilizarem justamente uma transmissão direta, sem cortes, que nos remete ao conceito de *gatewatching*. A transmissão é feita literalmente de dentro dos movimentos, repórteres NINJA ficam junto aos manifestantes, na maioria das vezes na linha de frente, mostrando exatamente o que está acontecendo. As transmissões, que já duraram até 5 horas, só são interrompidas quando os colaboradores precisam recarregar suas baterias, mas logo são retomadas. Essa fórmula se contrapõe à visão da grande mídia, que geralmente mostra esses acontecimentos do alto de grandes prédios ou de helicópteros. Perde-se, então, o detalhamento, a ação real, e a possibilidade de manipulação das imagens, por motivos adversos, se torna muito frequente.

Segundo fragmento do texto "Que história é essa de Pós TV?", encontrado na página da Pós TV (www.postv.org):

> A #posTV, na prática, reinventa e potencializa a conhecida tecnologia do streaming (transmissão de vídeo pela internet), baseando-se em dois pontos centrais: liberdade de expressão absoluta (aproveitando que não temos anunciantes nem padrinhos) e a força da nossa rede que é grande e divulga forte todos os programas, sempre com a marca #posTV.

A Pós TV começou com as transmissões ao vivo das Marchas da Maconha e da Liberdade, em São Paulo, além da transmissão de festivais de música independente e depois lançou alguns programas: Supremo Tribunal Liberal (Caio Prado), Segunda Dose (Bruno Torturra) e Desculpe a Nossa Falha (Lino Bocchini). Mas foi com as manifestações pela

redução da tarifa de ônibus por todo o país que chegou a atingir picos de 120 mil espectadores, 1,2 dos Ibopes oficiais, marca que muitos programas da grande mídia não chegam nem perto de atingir.

O trabalho é completamente *copyleft*, qualquer um pode se apropriar e replicar, basta dar o crédito, e basta dispor de um smartphone, uma banda 3G disponível e um notebook para poder transmitir. O celular é ligado diretamente ao notebook, carregado em uma mochila, para potencializar a duração da bateria. O sistema baseado no *streaming*, é inovador por permitir uma verdadeira imersão do espectador no ambiente, mas há também problemas a serem solucionados, como o alto consumo de dados desse sistema, que além de ocasionar contas altas para os padrões da mídia independente (cerca de R$ 250,00 por transmissão longa), tem que ser interrompida constantemente para o regarregamento das baterias. *Streaming*, do Wikipédia:

> *Streaming*, fluxo de mídia, é uma forma de distribuir informação multimídia numa rede através de pacotes. É frequentemente utilizada para distribuir conteúdo multimédia através da Internet. Em streaming, as informações multimédia não são, usualmente, arquivadas pelo usuário que está recebendo o *stream* (a não ser a arqueação temporária no cache do sistema ou que o usuário ativamente faça a gravação dos dados) – a mídia é reproduzida a medida que chega ao usuário, desde que a sua largura de banda seja suficiente para reproduzir os conteúdos em tempo real. Isso permite que um usuário reproduza conteúdos protegidos por direitos de autor, na Internet, sem a violação desses direitos, similar ao rádio ou televisão aberta. A informação pode ser transmitida em diversas arquiteturas, como na forma Multicast IP ou Broadcast. (Consultado em 12/05/2013)

Além das transmissões, o coletivo conta com fotógrafos que descarregam suas fotos das mais variadas formas, o mais eficiente é o sistema de cartão de memória wi-fi, que transmite as fotos quase em tempo real para a mídia mais próxima, seja um celular com sistema 3G ou o notebook de um dos NINJAS que ficam na base. Mas há também os que ficam indo e voltando dessa base, que geralmente fica o mais próximo possível dos locais dos acontecimentos, para descarregar as fotos o mais rápido possível. As fotos são selecionadas e entram com um pequeno texto como postagem na página do Mídia NINJA no Facebook, fornecendo informações, também, para quem não pode acompanhar pelo *streaming* em tempo real.

Um dos pontos mais marcantes da interação direta entre os transmissores colaboradores e os espectadores são os comentários[4] feitos através do Twitcasting, que por muitas vezes guiam os NINJAs. Em várias transmissões foram passadas dicas sobre como

estava a situação do confronto em algum local próximo à transmissão ou qual o melhor caminho para se chegar ao local de maior confronto. Essa rede de comunicação chega a extrapolar o conceito de *gatewatching* em alguns momentos, a retroalimentação é constante e parte de várias vias, o fluxo de informação é intensamente incomparável com o dos outros meios.

.

Segundo Castells (2001), a Internet fornece a base material para a mudança no modelo atual de comunicação. Através de suas novas possibilidades, crescentes a cada dia, é possível que os movimentos sociais e as minorias em geral mostrem sua voz, é possível obter diferentes olhares sobre diferentes realidades. Nesse ciclo, a própria Internet, que nasceu como uma ferramenta de organização das empresas, se subverte e torna-se um instrumento de transformação social através das iniciativas alternativas/colaborativas e do *gatewatching.*

Considerações finais

O caso do coletivo Mídia NINJA é um dos maiores exemplos atuais da capacidade de inovação comunicacional através dos meios digitais. Mídias como essa se contrapõe não só à grande mídia, à mídia dos grandes conglomerados corporativos, ideologicamente, como se contrapõe à mídia alternativa tradicional, no papel do jornalismo alternativo e da imprensa alternativa, em forma.

O grande diferencial se dá no canal direto de comunicação, retornando ao conceito de *gatewatching,* onde não há filtros para a percepção do espectador. Em contraponto com os veículos alternativos tradicionais, que apesar de serem contrapontos à mídia hegemônica quanto ao critério de noticiabilidade e quanto ao enquadramento dado às informações, se iguala a ele em forma, não permitindo, talvez em grande parte por entraves tecnológicos e não por uma escolha editorial, a interação com o receptor.

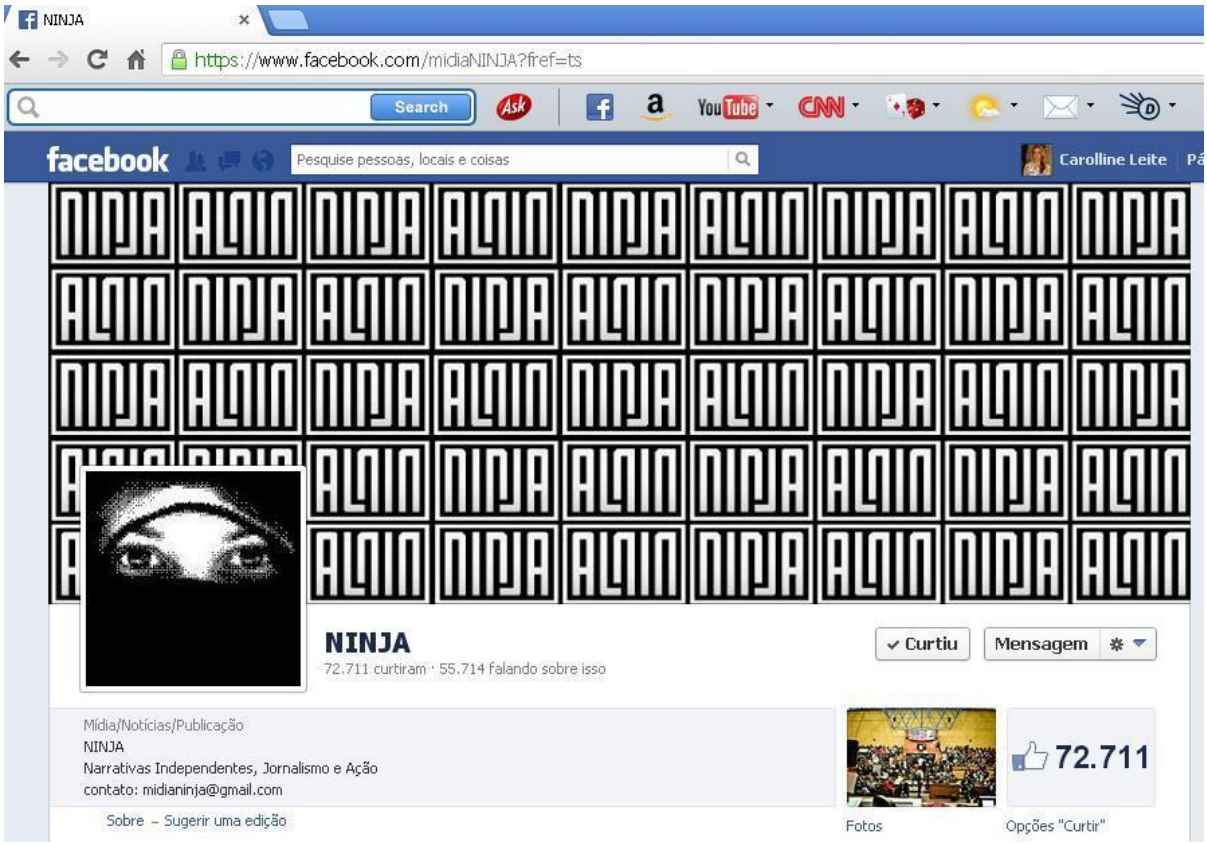
Algumas das grandes redes tentam adequar-se às novas mídias, possibilitando, em parte essa interação, que não deixa de sofrer seleções (*gatekeeping)* a fim de preservar a "opinião" da mídia. Ela nunca se dá por completo como na Mídia NINJA, onde tanto receptores quanto transmissores trocam, simultaneamente, um alto fluxo informacional,

4. Ver anexo 4.

construindo, conjuntamente, a informação e/ou cobertura. Ainda existem vários entraves logísticos e financeiros para a prosperidade desse "novo jeito de comunicar", como fazer desse sistema sustentável e como oferecer bons equipamentos para que os NINJAs possam trabalhar são algumas deles, mas certamente esse projeto é uma das melhores alternativas já implantadas visando a renovação do "fazer jornalístico", alternativo ou não, há muito estagnado.

Anexos

1. Perfil do coletivo NINJA no Facebook com mais de 70 mil "likes".

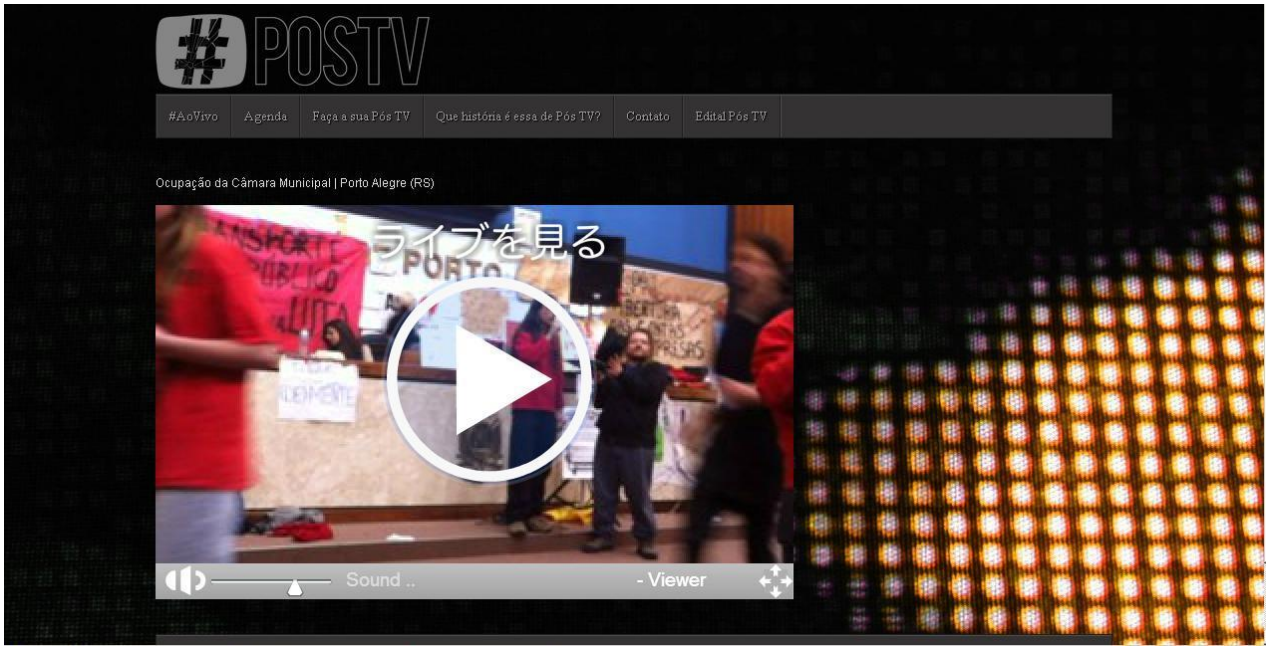


2. Postagens feitas no perfil NINJA no Facebook mostram a repercussão de sua cobertura, inclusive na grande mídia, as sugestões e a interação com os espectadores, que a todo tempo dão "palpites", as notícias enviadas por colaboradores no exterior e a pluralidade de olhares e enquadramentos.

facebook
Pesquise pessoas, locais e coisas
Carolline Leite
Página
DILMA-TARSO
1 amigo também curtiu isso.
Curtir
NINJA compartilhou um link.
há 8 horas
Tarja Preta dando sequência a excelente série de registros em vídeo da repressão e da violência do Estado nos protestos do Rio de Janeiro.
Com vocês "A Batalha de Laranjeiras, 11 de Julho de 2013"
Imagens: Matias Maxx
Edição: Guilherme Schumann
A Batalha de Laranjeiras, 11 de Julho de 2013
Esta é uma obra documental. Cansados da corrupção, violência policial e estripulias aereas do governador Sergio Cabral, uma manifestação em frente ao
Curtir · Comentar · Compartilhar
85
Douglas Freitas e outras 272 pessoas curtiram isso.
Principais comentários
Escreva um comentário...
João Pedro Fraissat de Moura recuar é essencial! mas fiquem de olhos bem abertos, POA!
Curtir · Responder · 7 · há 4 horas
João Pedro Fraissat de Moura A OCUPAÇÃO VAI CONTINUAR! ACABARAM DE FALAR!
Curtir · Responder · 4 · há 4 horas
Ver mais 8 comentários
267
Diego Lopes e outras 394 pessoas curtiram isso.
Alex Gomes Sugestão para os próximos vídeos, caso vcs gostem de palpite: tem tanta coisa acontecendo numa situação dessas que talvez fique melhor creditar os horários, colocar a hora e minutos em alguns momentos, dar cronologia aos fatos. De resto, se quiserem um velho jornalista gonzo para voluntário, tô dentro, de bôa ! O trabalho de vcs é simplesmente heróico. VIW. , !

facebook
Pesquise pessoas, locais e coisas
Carolline Leite
Página
NINJA compartilhou um link.
há 13 horas
Justiça para Travyon Martin
Nesse momento manifestantes marcham em Nova York exigindo justiça no Julgamento do Assassinato do jovem Travyon Martin. Um negro que estava desarmado quando foi executado por um algoz que obteve sua liberdade a... Ver mais
Occupy Eye
www.ustream.tv
Celebrating one year of the human microphone
Curtir · Comentar · Compartilhar
22
142 pessoas curtiram isso.
Principais comentários
Escreva um comentário...
João Pedro Simões Que a Flórida reviva Los Angeles 92. #Justice4Trayvon
Curtir · Responder · 4 · há 13 horas
Flavia Uliana Lima Mídia Ninja, a cobertura de vcs tem uma imagem bem pior mas é muito mais legal. Orgulho! Volta logo Ninja2RJ!
Curtir · Responder · 4 · há 13 horas
Ver mais 4 comentários
https://www.facebook.com/photo.php?fbid=204091799748973&set=a.1643087003...
NINJA
há 14 horas
No Palácio Guanabara, também teve música para os manifestantes. Os NINJAs presentes em campo enviam diferentes olhares do ato.
Foto: Rafael Samora / Mídia NINJA

3. Interface da Pós TV, braço audiovisual do coletivo NINJA.



4. Interface de uma transmissão *streaming* via *TwitCasting*, onde os espectadores fazer comentários simultaneamente à transmissão e muitas vezes exerce influência no rumo que ela irá tomar.

Referências bibliográficas

BRESSANE, R. **Guerra dos memes.** Na transmissão dos protestos, surge um novo tipo de jornalismo. Piauí, Esquina, edição 82, julho 2013. Disponível em: <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-82/esquina/guerra-dos-memes>. Acesso em: 05/07/2013.

BRUNS, A. (2011). **GATEKEEPING, GATEWATCHING, REALIMENTAÇÃO EM TEMPO REAL:** novos desafios para o Jornalismo. Brazilian Journalism Research, 7(2), p.119-140. Disponível em: <http://eprints.qut.edu.au/49482/>. Acesso em: 15/06/2013.

CAPPARELLI, S. (1986). **Comunicação de Massa sem Massa.** Vol. 10, 5ª edição. São Paulo: Summus, 1986.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CHINEM, R. **Jornalismo de Guerrilha:** a imprensa alternativa brasileira da ditadura à internet. São Paulo: Disal, 2004.

COSTA, L. **A mídia sem filtro.** Observatório da Imprensa, edição 753, ano 17, julho de 2013. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_midia_sem_filtro>. Acesso em: 04/07/2013.

PERUZZO, C. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor.** Revista ECO-Pós, v.12, n.2, maio-agosto 2009. P. 26-61. Rio de Janeiro: 2009.

GÓES, L. **A mídia alternativa dos movimentos sociais na Web.** In: I Congresso Anual da Associação de Pesquisadores de Comunicação e Política. Salvador: 2006.

FONSECA, V. LINDEMANN, Cristiane. **Webjornalismo participativo:** repensando algumas questões técnicas e teóricas. Revista FAMECOS, nº 34, dezembro de 2007 (quadrimestral). P. 86-94. Porto Alegre: 2007.

SBARDELOTTO, M. **Do Papel aos Bits:** As alternativas do jornalismo independente contemporâneo. Porto Alegre: 2006

KUCINSKI, B. (1991) **Jornalistas e Revolucionários:** Nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: EccentricDuo, 2001.

SANTOS, C. **Twitter e celular:** uma nova fase do fazer jornalismo. _____.

PELLANDA, E.(Org.). CASALEGNO, F. (MIT.). **Locast civic media**: internet móvel, cidadania e informação hiperlocal. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010.

LORENZOTTI, Elizabeth. **POSTV, de pós-jornalistas para pós-telespectadores.** Observatório da Imprensa, edição 752, ano 17, junho de 2013. Disponível em:

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/postv_de_pos_jornalistas_para_pos_telespectadores> . Acesso em: 25/06/2013.